

# Que saudade da Ilha da Fantasia!

*Economia Brasileira*

Este domingo, 9 de novembro de 1997, está irremediavelmente condenado a entrar para a História. Por bem, se a equipe econômica demonstrar que o Plano Real é realmente a "muralha" que Fernando Henrique apregoa. Ou por mal, se o prometido "pacote" não sobreviver às seis horas de pregão da Bovespa, na segunda-feira. (Aliás, o "pacote", se não bem amarrado e pesado, pode ser desmoralizado antes que abra o pregão, ao meio-dia, já que pela manhã os especuladores com colar terão feito sua investida).

A questão é que, neste domingo, a crise econômica que até a semana passada tinha como cenário de referência o exótico oriente, pois tudo começou na Tailândia, depois foi Hong Kong, mais tarde a Coréia e finalmente Tóquio, agora está voltada para Brasília.

O Brasil tornou-se a bola da vez e se as batalhas se travam no cenário da Bolsa de Valores de São Paulo (a Bolsa do Rio é mera caudatária), o QG das decisões agora está em Brasília.

Desde sexta-feira à noite, obrigados a acompanhar, até de madrugada, o comportamento do Governo, vimos que Brasília não é mais aquela. Notava-se pela perplexidade com que os principais escalões do Governo - bote nessa lista ministros, diretores do Banco Central e gente de igual nível - viam-se obrigados a voltar a Brasília. Sim, porque muitos já haviam viajado para São Paulo e Rio desde a tarde de quinta, conforme os costumes.

O esvaziamento da cidade no fim de semana é uma das características de Brasília como Ilha da Fantasia. No caso, a maravilha era a semana de quatro dias - que só se atribuía aos deputados e senadores, mas que quem era importante no Governo também adotava, se quisesse - seguida de três bem longe do ambiente de trabalho.

Pois estou tendo a intuição de que os episódios da crise econômica podem alterar essa rotina do "fim de semana prolongado".

Ontem, sábado, ainda pela manhã, assistindo na redação aos repórteres ligarem e serem atendidos por secretárias, assessores e ministros, nos seus gabinetes, observei que nunca havia assistido coisa igual em Brasília.

Essa história de Ilha da Fantasia começou durante o regime militar. Valeu o Prêmio Esso a um grupo de repórteres do Estadão que na verdade o conseguiram apenas pela invenção do apelido e por terem apanhado as contas de açougue do ministro Prieto, já que as reportagens em si eram pífias. Mas, a ditadura passou, o apelido foi esquecido, mas os costumes prevaleceram. Nem o esvaziamento das mordomias exageradas importou, porque se descobriu que a principal maravilha de Brasília era o fim de semana em São Paulo ou no Rio.

Também, quando já se viu um presidente precisar voltar correndo

ao Brasil, no meio de um viagem, e logo participando de uma animada reunião com o Rei da Espanha! Para os ceremonialistas do Itamaraty, a parcela dos diplomatas para quem o protocolo é tudo, nada justifica tal vexame. Como, sair da Ilha Margarita, antes de Sua Alteza Real, o rei Juan Carlos? Pois Fernando Henrique não tinha mesmo outra saída. A realidade da globalização exigiu. Quem estava a prêmio não era a coroa do rei Juan Carlos (que reina, mas não governa), porém sua reeleição que depende da batalha que se trava na segunda-feira e para a qual ela tem apenas poucas horas de preparação.

Daqui a pouco - meia-noite em Brasília, meio-dia em Tóquio

e Hong Kong - a especulação internacional inicia seu ataque, e às oito da manhã os doleiros abrem seu ataque interno em São Paulo.

Neste domingo, Fernando Henrique e o País, independente de ser fim de semana, jogam um lance decisivo e mostram que, se o Governo estivesse atento e funcionando plenamente na sexta-feira, as coisas teriam sido menos emergenciais. O tempo que se levou para trazer de volta a Brasília o pessoal que já havia partido foi muito grande, tanto que se temia que a orquestra ainda não estivesse completa quando o maestro Fernando Henrique desembarcou em Brasília no fim da noite de sábado.

Em toda parte, sábado é se-

mana inglesa, e domingo é domingo, mas em Brasília - como costume remanescente da Ilha da Fantasia - esses dias - devia-se juntar a eles a tarde de quinta e a sexta-feira. Até porque não acontecia nunca, nada, nessas dias. Uma prática tão reconhecida que o economista André Lara Rezende - cansado de enriquecer com negócios bancários em São Paulo - havia acabado de aceitar importante assessoria presidencial em Brasília, sem prejuízo para os seus hobbies pessoais em São Paulo. Prodígios só possíveis numa Ilha da Fantasia, agora irremediavelmente chamada à realidade pela especulação internacional contra o nosso bom e amado Real.

